

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E TENDÊNCIA TEMPORAL DAS INTERNAÇÕES POR DENGUE GRAVE NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE 2015 E 2025

Elen de Oliveira Munguba¹; Ellis Interaminense Gattás²; Gabriel Phillip Menezes Brown³; Guilherme Medeiros Diniz⁴; Lorena Carneiro Vieira Santos⁵; Maria Clara França de Sousa Freire⁶; Mariana Arruda da Cunha⁷; Rodrigo Revoredo de Araújo⁸; Thaís Maria Ribeiro de Melo Fernandes⁹; Victória Lins de Almeida Brum¹⁰; Eliezer Rushansky¹¹; Maria Helena Queiroz de Araújo Mariano¹².

¹Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/0305400461451533>

²Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/9254942859326370>

³Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/3057177428731768>

⁴Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <https://lattes.cnpq.br/1921564195545827>

⁵Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/9503021724777127>

⁶Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/7466992151333674>

⁷Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/7836728512802450>

⁸Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/2935186623505113>

⁹Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/4482437715810958>

¹⁰Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/5520806593021149>

¹¹Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/4918913249279015>

¹²Universidade de Pernambuco (UPE), Recife, Pernambuco. <http://lattes.cnpq.br/6912122085432663>

PALAVRAS-CHAVE: Dengue grave. Hospitalizações. Nordeste brasileiro.

DOI: 10.47094/IIICOLUBRASMU.2026/RE/3

INTRODUÇÃO

A dengue constitui uma importante arbovirose e um relevante problema de saúde pública no Brasil. Embora a maioria dos casos apresente evolução favorável, as formas graves podem cursar com extravasamento plasmático, choque e disfunção orgânica, frequentemente demandando internação hospitalar. Nesse contexto, as hospitalizações por dengue grave representam um importante indicador da magnitude da doença e de seu impacto sobre os serviços de saúde.

O Brasil figura entre os países com maior carga da infecção, com milhões de casos anuais e ocorrência de epidemias cíclicas. Em 2024, a doença atingiu níveis recordes, com aproximadamente 6,4 milhões de casos prováveis e mais de 5.000 óbitos nas primeiras semanas epidemiológicas do ano.

OBJETIVO

Analisar o perfil epidemiológico e a tendência temporal das internações por dengue grave na região Nordeste do Brasil entre 2015 e 2025, segundo sexo, faixa etária, raça/cor, unidade federativa de residência e ocorrência de óbitos hospitalares.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, de natureza aplicada, com objetivo descritivo e procedimento documental, desenvolvido a partir de dados secundários de domínio público. A pesquisa caracteriza-se ainda como um estudo ecológico, retrospectivo e de série temporal.

Os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), acessado através da plataforma TABNET do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram selecionadas as internações por dengue grave (CID-10 A91) registradas na região Nordeste do Brasil entre os anos de 2015 e 2025. As variáveis analisadas incluíram ano de internação, sexo, faixa etária, raça/cor, unidade federativa de residência e óbitos hospitalares. Os dados foram coletados em junho de 2026, organizados em planilhas eletrônicas e submetidos à análise estatística descritiva, por meio do cálculo de frequências absolutas, relativas e variações percentuais anuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo evidenciou aspectos relevantes para a compreensão do perfil epidemiológico e da evolução temporal da dengue grave no Nordeste brasileiro entre 2015 e 2025, reforçando sua persistência como importante problema de saúde pública na região, em consonância com a literatura disponível. Observou-se expressiva variabilidade temporal das internações e dos óbitos ao longo da série histórica, com alternância entre períodos de crescimento e redução dos indicadores analisados. Entre os principais achados, destacam-se dois picos relevantes de internações, observados em 2019 e, principalmente, em 2024. Este último ano apresentou comportamento singular, concentrando 1.592 das 6.514 internações registradas no período e superando de forma expressiva o segundo maior pico, observado em 2019, com 865 casos. Esse padrão evidencia a magnitude excepcional da epidemia de dengue grave em 2024, que também concentrou o maior número de óbitos da série histórica, com 89 dos 335 registros analisados.

Esses achados estão em consonância com Gurgel-Gonçalves et al. (2024), que identificaram 2024 como um dos anos de maior impacto epidemiológico da dengue no Brasil, associado ao aumento expressivo de casos graves e à sobrecarga dos serviços de saúde. Ainda em relação a esse período, observou-se incremento de 228% nas internações quando comparado a 2023, configurando a maior elevação anual da série. Em contrapartida,

2017 apresentou o menor número de internações, enquanto 2020 foi marcado pela maior redução em relação ao ano anterior, com decréscimo de 61%. Nesse contexto, Nery et al. (2024) sugerem que a redução das notificações em 2020 pode estar relacionada aos impactos da pandemia de COVID-19, que influenciaram o acesso aos serviços de saúde, a detecção de casos e a vigilância epidemiológica.

A análise da mortalidade evidenciou padrão semelhante ao observado nas internações, caracterizado por oscilações ao longo da série histórica. Embora 2024 tenha concentrado o maior quantitativo de óbitos, verificou-se alternância entre períodos de aumento e redução da mortalidade. Destaca-se o incremento de 375% entre 2018 e 2019, sugerindo intensificação da gravidade clínica da doença nesse intervalo. Em contrapartida, observou-se redução expressiva em 2025, devendo-se considerar a possibilidade de dados ainda parciais ou sujeitos a atualização, uma vez que se trata de ano recente da série. Esses resultados reforçam o caráter dinâmico da dengue grave e a necessidade de monitoramento contínuo dos indicadores de morbimortalidade.

No que se refere à distribuição geográfica, a Bahia concentrou tanto o maior número de internações quanto de óbitos ao longo do período analisado. Esse padrão é consistente com o descrito por Guimarães et al. (2024), que associam a elevada carga da doença no estado a fatores como grande contingente populacional, urbanização acelerada e condições ambientais favoráveis à proliferação do vetor, incluindo acúmulo de resíduos e água parada. Pernambuco ocupou a segunda posição em ambos os indicadores, enquanto Alagoas apresentou o menor número de internações e a Paraíba o menor quantitativo de óbitos, refletindo desigualdades regionais na distribuição da doença.

Em relação ao perfil etário, observou-se maior frequência de internações entre indivíduos de 20 a 29 anos e crianças de 5 a 9 anos, indicando acometimento relevante tanto da população economicamente ativa quanto da população pediátrica. Contudo, os óbitos concentraram-se predominantemente nas faixas etárias de 30 a 59 anos, com destaque para 40 a 49 anos. Esse padrão sugere que os grupos mais hospitalizados não correspondem necessariamente aos de maior letalidade. Tal diferença pode estar associada à presença de comorbidades e outros fatores de risco para agravamento clínico. Michel et al. (2024) destacam que condições preexistentes desempenham papel relevante na evolução desfavorável da dengue, especialmente em adultos de meia-idade.

Quanto ao sexo, observou-se discreto predomínio do sexo feminino tanto nas internações quanto nos óbitos, embora a literatura apresente resultados heterogêneos quanto à influência dessa variável na gravidade da doença. Dessa forma, a relação entre sexo e evolução clínica da dengue grave permanece não conclusiva, sugerindo a necessidade de estudos adicionais.

No que se refere à raça/cor, a população parda apresentou maior número de internações e óbitos. Esse achado deve ser interpretado considerando a composição demográfica da região Nordeste, onde há predominância de indivíduos autodeclarados

pardos. Além disso, os resultados são consistentes com Cardim et al., que identificaram maior risco de óbito por dengue entre indivíduos negros e pardos em comparação à população branca, possivelmente associado a desigualdades sociais estruturais.

Por fim, destaca-se o elevado percentual de informações ignoradas para a variável raça/cor, o que pode comprometer a precisão das análises e evidencia limitações inerentes ao uso de sistemas de informação secundários. Essas limitações incluem possíveis falhas de preenchimento, subnotificação e inconsistências nos registros, aspectos que devem ser considerados na interpretação dos achados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou o perfil epidemiológico e a tendência temporal das internações por dengue grave no Nordeste brasileiro entre 2015 e 2025. Observou-se importante variabilidade das internações e dos óbitos ao longo do período, com destaque para o aumento expressivo registrado em 2024. A Bahia concentrou os maiores números de internações e óbitos da região. As internações foram mais frequentes entre adultos jovens e crianças, enquanto os óbitos predominaram em indivíduos de meia-idade. Os achados reforçam a relevância da dengue grave como problema de saúde pública e evidenciam a necessidade de fortalecer as ações de vigilância, controle vetorial e assistência precoce, visando reduzir a morbimortalidade associada à doença.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

CARDIM, L. L. et al. **Socioeconomic markers of dengue mortality in the 100 Million Brazilian Cohort (2007–2018): A nationwide registry-based cohort study.** PLoS neglected tropical diseases, v. 19, n. 11, p. e0013660–e0013660, 3 nov. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0013660>

GERSSON, R. et al. **Panorama epidemiológico da dengue na Bahia: Uma década de dados (2014-2023).** Research Society and Development, v. 13, n. 8, p. e9513846351-e9513846351, 24 ago. 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i8.46351>

GURGEL-GONÇALVES, R.; OLIVEIRA, W. K. de; CRODA, J. **The greatest dengue epidemic in Brazil: surveillance, prevention, and control.** Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, v. 57, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0037-8682-0113-2024>.

MICHEL, A. et al. **Fatores de risco associados à dengue: uma revisão da literatura.** The Brazilian Journal of Infectious Diseases, v. 28, p. 103821, 2024. Disponível em: <https://www.bjid.org.br/en-fatores-de-risco-associados-a-articulo-S1413867024001041>.

NERY, W. da S. et al. **Perfil epidemiológico da dengue no Nordeste brasileiro durante**

o período de 2019 a 2023. Revista Contemporânea, v. 4, n. 12, e6938, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV4N12-127>.

VARGAS, Ana Paula Schuster; REGGIORI, Regina Martins. **Dengue grave: uma revisão de literatura.** Revista de Ciências da Saúde – REVIVA, v. 4, n. 2, 2025.